

Infância, juventude e educação: práticas e pesquisa em diálogo

Aldenira Mota do Nascimento

aldeniramora@yahoo.com.br

*“É preciso prezar a coragem das sementes.
Apodrecer para inaugurar o fruto”.*
(Bartolomeu Campos de Queirós)

PEREIRA, Rita Maria Ribes; SANTOS, Núbia de Oliveira; LOPES, Ana Elisabete Rodrigues de Carvalho (Orgs.). *Infância, juventude e educação: práticas e pesquisa em diálogo*. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2015.

O livro *Infância, juventude e educação: práticas e pesquisa em diálogo* é uma publicação de grande relevância para pesquisadores das diversas áreas de atuação, que têm a infância, a juventude e a educação como pauta para o seu fazer reflexivo.

Na ocasião em que o Grupo de Pesquisa Infância e Cultura Contemporânea - Gpicc - Uerj, coordenado pela professora Rita Ribes, comemora dez anos de existência, nasce esse belo presente, trazendo 22 histórias de vida e profissão de professores, pesquisadores e instituições do Brasil e de outros países.

A principal característica da publicação é a transversalidade. Os relatos dos autores, cada um partindo de uma perspectiva diferente, entrecruzam-se em suas buscas, reflexões, inquietações, memórias e propostas sobre os temas sugeridos, estabelecendo elos de saberes e amizade, nos quais o único ponto em comum é o sonho por uma sociedade mais justa, inclusiva e emancipatória.

A contribuição de cada grupo de pesquisa é de fundamental importância para a construção coletiva de um pensamento libertário. A interação desses esforços – incluindo todas as etapas do processo, com seus pensamentos,

dúvidas e questionamentos – potencializa o conjunto, em um processo de sinergia, no qual o resultado final é maior do que a soma dos seus componentes. É por meio da articulação desses saberes, que percebemos o quanto já foi conquistado, aonde ainda é preciso avançar e quais as estratégias mais adequadas para essa caminhada.

É a experiência de relacionar diversos pontos de vista convergentes sobre um mesmo assunto, que nos leva a melhor explorar o desconhecido e identificar as potencialidades que precisam ser valorizadas.

Cada um desses 22 artigos relacionados ao tema *Infância, juventude e educação* traz reflexões teóricas e práticas, que nos instigam a repensar o cotidiano dos agentes envolvidos no processo pedagógico – o professor, o pesquisador, o sujeito social e histórico.

Os conteúdos apresentados em cada um dos artigos desenvolvem um aprofundamento teórico sobre um determinado tema, contextualizado no espaço e no tempo vivido por seus autores, em conformidade com suas diferenças pessoais, ideológicas e socioeconômicas.

Os trabalhos reunidos neste livro são contribuições de vários grupos de pesquisas e práticas pedagógicas em instituições escolares que, por diferentes caminhos, buscam, ao longo de décadas, o aprimoramento do processo educacional, de modo a torná-lo mais adequado à realidade prática vivida em cada uma dessas conjunturas.

As teorias apresentadas nesses textos foram desenvolvidas a partir da experiência cotidiana, com suas histórias vivenciadas dentro de uma relação afetiva e reflexiva. As metodologias pedagógicas propostas foram formuladas com base nesses saberes, construindo meios e estratégias para que os não saberes fossem pensados, potencializados e transformados.

A publicação foi organizada de uma forma que permite perceber facilmente os elos de afinidade que aproximam as pesquisas, bem como as singularidades na abordagem de cada tema. Trata-se de uma obra aberta, na qual o leitor pode escolher livremente a seleção dos temas do seu interesse mais específico e a sequência de leitura. Os assuntos tratados são bastante diversificados, e, ao “passear” pelas páginas, a atenção pode ser atraída por mais de um caminho.

O estudioso interessado em seguir uma trajetória acadêmica para embasar suas pesquisas encontrará sempre os “links” necessários para localizar outras obras citadas, fazer contato com seus autores e assim buscar o diálogo entre a academia e o chão da escola. Ao final do livro (p.431), a seção pós-textual “Referências” fornecerá informações detalhadas sobre cada uma das obras, autores e publicações periódicas citadas como fontes.

Dentro do tema geral, “*Infância, Juventude e educação*”, diversos assuntos específicos são tratados, como pesquisa; literatura infantil; mídia; história; processo histórico; autoria; inclusão; afetividade; corpo; movimento; política; ética; arte; formação de professores; estética; mídias; metodologias didáticas; identidade; narrativas; movimentos sociais; consumo; e outros.

O último tópico “e outros” abrange uma vasta gama de assuntos, porque as experiências trazidas são tão viscerais e com aprofundamento teórico e prático tão detalhado, que, fatalmente, o leitor irá acrescentar suas próprias redes e reflexões.

Infância

Os métodos de pesquisa com crianças são objeto de dois trabalhos, com metodologias diferentes. No artigo “*O que torna infantil uma pesquisa?*” (p.27), a autora aprofunda o tema, contextualizando-o no espaço/tempo, e nos leva “a pensar a infância, então, como uma infância do sentido, como um modo de conhecer o que está mudando, como um colocar-se na duração, no entre, no intervalo, no movimento, na virtualidade, na qualidade que basicamente é criativa, instauradora de novas lógicas” (p.41).

Seguindo por outro caminho, o artigo “*De estrangeiridade, matrioskas e um jornal: desdobramentos de alteridade numa pesquisa documental*” (p.47) apresenta o processo da pesquisa infantil utilizando documentos. Sua autora é uma mexicana que veio para o Brasil em busca de respostas para suas inquietações em relação ao lugar da criança em projetos participativos. A narrativa descreve o desenvolvimento da pesquisa, os encontros e desencontros que foram vividos e como essas experiências levaram a autora a reavaliar sua própria história de vida. Não será difícil para o leitor se identificar com essa jornada, principalmente os professores que trabalham com crianças e jovens na Rede Municipal do Rio de Janeiro.

Nos sete textos que abordam o tema “*infância*”, o assunto é tratado de diversas formas, abrangendo uma gama variada de metodologias e autores trazidos para o diálogo.

Um dos trabalhos nos ajuda a entender a construção histórica dessa categoria no século XVIII, acompanhando as produções realizadas ao longo da história em vários países até chegar aos dias atuais (p.149).

Outro texto analisa uma pesquisa realizada entre as décadas de 1970 e 1980, em creches e pré-escolas comunitárias da Baixada Fluminense. A investigação partia da premissa básica que crianças e jovens produzem cultura. Seu objetivo era trabalhar o lugar de uma literatura de qualidade nesses espaços e seus usos – o lugar da brincadeira, o repensar dos ambientes físicos e a visibilidade dos trabalhos das crianças entendidos como processo de autoria (p.405).

Há muito mais nessas páginas – o uso das mídias pelas crianças; o significado do aniversário como referencial de tempo; os ritos de passagem e crescimento (“*coming of age*”) intervindo na construção de identidades e na vida social (p.67 e p.87); a importância do brincar com o corpo e em grupo nos espaços escolares; a possibilidade das transformações dos olhares, formação de subjetividades e formação estética, utilizando também aparatos tecnológicos, desde os mais comuns do cotidiano escolar, como espelho e jornal, até os mais sofisticados, como o microscópio (p.371).

Outra questão interessante é a produção de literatura por crianças afrodescendentes – como elas estão presentes na escola, como as crianças formam e pensam sobre suas identidades. Quais as diferentes infâncias presentes nesses contextos e a necessidade de se buscar outras formas de contar a história dos afrodescendentes, para que a “normalidade” da “história única”, contada pelos europeus, não seja a única adotada nas escolas/sociedade (p.133 e p.113).

As relações entre **infância/mídias** e **juventude/mídias** constituem uma questão bastante presente na vida social e cultural da atualidade, que vêm formando e transformando crianças, jovens, famílias e a sociedade. As mídias são bens de consumo presentes em toda parte, inclusive na escola, mas sua influência é uma questão que ainda não foi discutida em profundidade. Às vezes, elas são o “bicho papão”; outras vezes, são “a salvação da pátria”.

Quanto às crianças, “já nascem sabendo e não precisam de mediação”. Nas pesquisas que envolvem as mídias de um modo geral, podemos perceber a necessidade de se refletir sobre essas mentalidades e avançar, no sentido de produzir um letramento digital (MCLOUGHLIN, 2011) e uma *literacy* digital (ALKALAI, 2014).

Juventude

A “juventude” é o tema abordado por oito autores nesta publicação. Alguns artigos se detêm especificamente sobre “as juventudes”. Outros pensam a juventude atuando na formação de professores, já que a educação é um fio que perpassa todos os conteúdos dos textos.

São analisadas algumas pesquisas realizadas nas oficinas do Instituto Municipal Helena Antipoff (IHA): Centro de Referência de Educação Especial da Secretaria Municipal do Rio de Janeiro, que atende a jovens e adultos com necessidades especiais. Um dos trabalhos foi desenvolvido com a prática de teatro e cinema. O pesquisador faz uma reflexão sobre **quem ensina e quem aprende** nos contextos educacionais, enfatizando a necessidade da adoção de novas tecnologias na formação do professor e uma nova postura do professor-aprendiz (p.331).

São apresentadas três outras pesquisas realizadas com jovens com necessidades especiais. Deficientes visuais realizaram um trabalho com produção de fotografias e a construção de identidades (p.299). Como desdobramento (p.319), outro projeto trabalhou com o processo de esculturas modeladas em argila. A terceira utilizou colagens em manequins, a fim de se pensar o conceito de corpo e identidade (p.345).

Uma prática muito conhecida na Alemanha sobre a relação jovens e mídias são as empresas-escolas (p.279). Ao apresentar sua experiência com estudantes em sua empresa-escola, *Coaching Zone*, o autor discute questões estéticas e os problemas e oportunidades oferecidas por essas empresas.

Uma reflexão sobre os jovens que participam dos movimentos sociais em diversas localidades do Brasil é objeto de um artigo (p.257), que demonstra a forma como esses indivíduos são mantidos “invisíveis” pela sociedade.

Outro texto (p.211) questiona as “verdades” e o senso comum que vêm, ao longo dos anos, afirmando de que a juventude é um “tempo vazio e homogêneo, destituído de historicidade” (p.212).

Educação

No fio condutor da formação de professores, temos três docentes. Um deles apresenta uma prática que consiste em, após a apresentação do filme *O garoto*, de Charles Chaplin, os estudantes de um curso de pós-graduação da PUC-Rio tecerem narrativas sobre suas impressões (p.393). Essa metodologia propicia a discussão transversal de vários assuntos, como: história, políticas para a infância, sociedade, maternidade, paternidade, identidade, machismo, preconceitos, direitos humanos, sentimentos, subjetividade, complexidade, vida pública e privada, assistencialismo etc.

Uma prática enfoca as professoras em formação, buscando as narrativas de livros que foram lidos para elas (ou por elas) em sua infância, a fim de construir identidades e perceber a infância na vida de cada uma. O texto aponta para uma questão muito importante, a formação de um professor-leitor, pois, somente com uma bagagem de leitura (não só de livros), é possível dimensionar a importância da formação da estética cultural das crianças nas escolas (p.415).

Ainda sobre a formação do professor e o uso de mídias, é apresentada a experiência de dois grupos de pesquisa no Rio de Janeiro. Realizada com jovens e professores de uma escola pública de formação no magistério, a pesquisa-intervenção desenvolveu habilidades ligadas ao julgamento, pesquisa, organização, síntese e compartilhamento da informação (p.231). Esse texto traz um questionamento ao senso comum segundo o qual “os jovens de hoje sabem tudo sobre tecnologia da informação e da comunicação, e fazem o melhor uso delas sem mediação”.

Em uma cena do filme *Janela da Alma*, de Walter Carvalho e João Jardim (2001), o escritor português José Saramago relembra que, quando ia ao Teatro de Ópera de Lisboa, ficava sempre no “galinheiro”. A visão lá de cima era uma coroa instalada sobre o camarote real. O que ele via era a parte superior, oca, da coroa, coberta por teias de aranha e poeira. Por outro lado, a visão das pessoas no camarote e na plateia era “magnífica”.

Essa visão lhe ensinou uma lição – “para conhecer as coisas, há de se dar-lhes a volta, dar-lhes a volta toda” (2001). Essa volta não precisa ser num único movimento ou num mesmo sentido.

Os trabalhos reunidos nesta publicação contribuem para que alguns paradigmas sejam quebrados, ou que se aceite sua coexistência com outros. Ao “dar-lhes a volta” mostrando as pluralidades, singularidades e complexidades dos sujeitos e grupos dentro do seu contexto sociocultural, auxiliam para um melhor entendimento da(s) infância(s) e juventude(s), favorecendo o diálogo entre teoria e prática no processo educacional.